

## Dilemas de naturalização do protestantismo étnico: a igreja luterana no Brasil

*Paul Freston*<sup>1</sup>

Professor de Sociologia na  
Universidade Metodista de São Paulo.

### Resumo

O luteranismo no Brasil tem, praticamente, a mesma idade da independência do país. Imigrantes alemães luteranos, recrutados pelo governo imperial brasileiro, após a independência, chegaram, a partir de 1824, trazidos, não por motivos religiosos, mas por motivos sócio-econômicos.

Após a unificação alemã em 1870, o nacionalismo cresceu, e solidificou-se a identificação germanismo-luteranismo.

Com a Guerra, o Estado-novo (criado por Getúlio Vargas) proibiu a educação em alemão, desmantelando a rede de escolas paroquiais. O uso do alemão

### Abstract

Lutheranism in Brazil is almost the same age as the Independence of the country. From 1824 on, German Lutheran immigrants, recruited by the Brazilian imperial government, came not for religious but social economic reasons.

After the German unification in 1870, the nationalism increased and the German Lutheran identification was solidified.

Because of the War, the *Estado Novo* (New State) - established by *Getúlio Vargas* - prohibited the education in German, dismantling the network of parochial schools.

<sup>1</sup> Este artigo foi extraído da tese de doutorado: *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, na Universidade de Campinas - SP (1993).

foi proibido e os sermões passaram a ser a língua portuguesa.

As mudanças mais profundas ocorreram neste século, na década de 70.

O luteranismo se caracteriza sociologicamente como *igreja* desde os primórdios.

**Palavras-chave:** naturalização; Luteranismo; Protestantismo; etnia.

The use of the German language was prohibited, and the sermons had to be preached in Portuguese.

However, the deepest changes occurred in this century, in the 70's.

From the beginning the Lutheranism was sociologically characterised as a Church.

**Keywords:** naturalisation, Lutheranism, Protestantism, ethnic.

*Toda a perspectiva intelectual [do luteranismo] pertence, essencialmente, ao tipo igreja.*

**Ernst Troeltsch** (1931:477)

*Convivo com a cúpula luterana de esquerda.*

Dep. Fed. **Werner Wanderer** (PFL),

Luterano, 1991

*Os dados... do censo da IECLB apresentam uma surpresa preocupante: o número de luteranos no Brasil... deve ficar consideravelmente abaixo do que se supunha.*

**O Jornal Evangélico** (24/4 a 7/5/1988:2)

O luteranismo é a forma mais antiga de protestantismo no Brasil, com quase a idade da nação independente. Por muito tempo, o seu peso numérico foi esmagador e, ainda hoje, é considerável. Mas ele representa um tipo sociologicamente diverso de protestantismo, o qual, mais do que a sua concentração geográfica, contribuiu para limitar a sua influência sobre o conjunto. Essa diferença decorre do reforço mútuo de dois fatores: é uma fé de imigrantes, e é o único grande grupo protestante no Brasil<sup>2</sup> que é igreja no sentido sociológico.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> O presbiterianismo, que é *igreja* na Escócia, chegou ao Brasil vindo dos Estados Unidos, onde já é *denominação*.

<sup>3</sup> Neste artigo, a ocorrência dos termos *igreja*, *denominação* e *seita*, em itálico, indicará o uso no sentido sociológico enquanto tipos ideais. *Igreja* significa uma grande instituição religiosa cujas fronteiras se confundem com as da nação ou da etnia. A *denominação* pode ser vista como meio-termo entre a *seita* e a *igreja*, pois surge no contexto de pluralis-

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) tem as oportunidades, as posturas e os conflitos próprios de uma igreja e não de uma denominação ou seita. Mas, uma igreja oriunda de um processo de imigração, ou seja, uma igreja que deixou para trás um espaço político-geográfico que tinha no país de origem, e, abraçou um espaço definido pela etnia (D'EPINAY 1975:124). Por boa parte de sua história primeiro de marginalização política em consequência da diferença religiosa, e depois de marginalização cultural reforçada pela associação de igreja e germanismo.

Imigrantes alemães luteranos, recrutados pelo governo imperial logo após a independência, chegaram a partir de 1824, trazidos não por motivos religiosos mas, por motivos sócio-econômicos. Aqui, ficaram numa situação de marginalidade cultural que forjou uma "consciência racial excessiva" (KLEWER 1977:4). Com exceção de um ou outro pastor que seguiu o fluxo migratório, ficaram abandonados religiosamente até 1864, quando a Igreja da Prússia começou a enviar ministros. Estes organizaram o ensino escolar em alemão e levantaram o nível cultural dos colonos. Após a unificação alemã em 1870, o nacionalismo cresceu, e solidificou-se a identificação de germanismo e luteranismo. As comunidades luteranas no Brasil começaram a estruturar-se em quatro sínodos separados, vinculados à Alemanha mas sem vínculos entre si.<sup>4</sup>

A Primeira Guerra Mundial mostrou os males da dependência, mas não bastou para abalar a ideologia germanizante. Diante do nazismo, a Igreja insistiu na separação entre a esfera espiritual da igreja e a esfera política. TROELTSCH (1931:867, 553), escrevendo com precisão em 1911, cita Martinho Lutero: "Se sofreres violência e injustiça, debes dizer que assim é o governo deste mundo... Se desejas viver entre os lobos, terás que uivar com eles e acrescenta que no luteranismo mais recente, desaparece cada vez mais a tensão en-

---

mo religioso, separada do Estado mas favorecendo a integração social dos fiéis enquanto cidadãos. Os adeptos tendem a ser de uma só classe social (especialmente da classe média), mas os laços comunitários são mais fracos do que os da *seita*. Geralmente tem um clero profissional. Em um sentido, a *denominação* é o extremo oposto da *seita* e da *igreja*: não reivindica um monopólio da verdade, mas se vê como apenas um dos nomes ("denominações") da verdadeira igreja.

<sup>4</sup> Simplificamos aqui a história. Na realidade, nem todas as igrejas e sínodos que vieram a formar a IECLB eram "luteranos", mas sim, "igrejas protestantes alemãs". Isso se deve à complexidade do quadro protestante na Alemanha dos principados (ver REILY 1984:199-201).

tre a moralidade pública e privada, e surge o tipo que se costuma chamar de luterano: isto é, de obediência incondicional ao governo”.

Assim, como diz KLEWER (1977:7), embora a Igreja como tal nunca tenha assumido o nazismo, e até conseguiu finalmente desfazer uma organização nazista de pastores que reivindicava a adesão de dois terços do pastorado; a sua própria ideologia, de fé e germanismo, tinha pontos em comum. O Estado Novo proibiu a educação em alemão, desmantelando a rede de escolas paroquiais. Com a guerra, o próprio uso do idioma alemão foi proibido e os sermões tinham que ser em português. Embora, em 1947, o Sínodo Riograndense tenha feito uma campanha política ostensiva contra as proibições, elegendo vários deputados estaduais. O pós-guerra marcou o início do divórcio entre fé e germanismo. Uma faculdade de teologia foi fundada em 1946, rompendo com a tradição de mandar todos os semina-ristas para a Alemanha. O ensino, porém, continuou sendo, em boa parte, em alemão.

Em 1949, organizou-se a Federação Sinodal, a qual assumiu o nome atual de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em 1954. A fusão total dos quatro sínodos se deu em 1968. Uma editora (a Sinodal) foi fundada em 1950; em 1955 a IECLB entrou no Conselho Mundial de Igrejas, e em 1958 na Confederação Evangélica do Brasil. Esta última filiação é significativa, pois:

*contar a história da 'autonomia' do luteranismo... é narrar o processo da sua consecução da maturidade de organização e a paralela consciência da sua missão como igreja brasileira (REILY, 1984:201).*

Mas as mudanças mais profundas vieram na década de 70 e revelaram o paradoxo da naturalização das igrejas-diásporas (D'EPINAY, 1975:292): o papel fundamental de contatos estrangeiros para que as igrejas protestantes históricas tomassem consciência de sua inserção brasileira. Nem sempre a autonomia tardia e a dependência teológica e financeira (em 1981, a igreja alemã ainda fornecia 22% do orçamento da IECLB [REILY, 1984:415]) implicam em alienação política. KLEWER (1977:7) diz que a formação de um pastorado nacional fez surgir a preocupação com a situação social e política. As igrejas históricas de missão mostram que esse fator em si é insuficiente. O estopim foi a Assembléia Geral da Federa-

ção Luterana Mundial que se realizaria, em Porto Alegre, em 1970. Em protesto à situação dos direitos humanos, no Brasil, e ao silêncio da IECLB, a Assembléia foi transferida para a França. A liderança da igreja brasileira conscientizou-se de que, aos olhos de suas igrejas-irmãs no exterior, era vista como co-responsável pelo país em que vivia. No Concílio Geral seguinte lançou-se o Manifesto de Curitiba entregue ao Presidente Médici. Ao contrário de sua postura, da época do nazismo, a IECLB agora reivindicava para si, com base na sua missão cristã, “uma função crítica - não de fiscal, mas antes de vigia... e de consciência da nação”, lembrando às autoridades de suas responsabilidades. Os alvos eram dois: a **política educacional** (“um ensino ‘teísta mas aconfessional’, como o define o decreto-lei 869/69”), que parecia avançar em direção a uma mobilização totalitária; e os **direitos humanos** (“notícias alarmantes sobre práticas desumanas”). O documento é cauteloso, mas foi o único pronunciamento público, de uma igreja protestante, a criticar o regime militar (COSTAS 1976:143), e não ficou cronologicamente atrás da CNBB nesse sentido (MAINWARING 1989:105).

Por que a IECLB foi a igreja protestante mais crítica? KLEWER frisa que não foi a posição da maioria da igreja, que continuou tradicionalista. Escrevendo, em 1977, ele afirma que os primeiros colonos eram predominantemente camponeses acostumados à não-participação política, e que seus descendentes mantiveram a marginalização, reforçada pela orientação dos pastores para o exterior. A ideologia social dos membros continua sendo individualista, e a separação Igreja/Estado é entendida como limitação da atividade sócio-política da Igreja. O Manifesto foi resultado da atuação de um grupo de pressão crítica (KLEWER 1977:8-10). Sem dúvida, os brios ofendidos ajudaram a maioria da liderança a concordar com tal documento.

Iniciava-se a evolução que D'EPINAY previu para a igreja de imigração. Esta, ao transplantar-se para a nova pátria, adquire um traço sectário, o apoliticismo. Mas, ao contrário da seita que o justifica com uma razão teológica (“a igreja não é deste mundo”), a igreja de imigração o justifica pragmaticamente (“somos estrangeiros neste país”). Mesmo quando não há mais pressões pelo Estado (como havia no Império), a preservação da etnia parece requerer uma despoliticização. Mas, diz D'EPINAY:

*há uma evolução possível, em direção ao que ele chama a "igreja minoritária", reivindicando uma nova identidade nacional e rompendo com o individualismo protestante em favor de um engajamento coletivo. A igreja de imigração é herdeira de uma certa tradição teológica que insiste nas dimensões sócio-políticas da fé. Enquanto a igreja se considera estrangeira, esquece-se dessa herança, mas ela é redescoberta e até radicalizada no momento de tomar consciência da nova identidade nacional (D'EPINAY 1975:123,216,292,295).*

A evolução da IECLB caminhava, sem dúvida, nesse sentido. Mas o regime militar provavelmente a acelerou, com a polarização ideológica e o aprofundamento da capitalização do campo no Sul, trazendo conseqüências para boa parte da base rural luterana. Neste momento, a intelectualidade urbana produzida pelas mudanças no sistema de formação desde a Guerra e, atingida pelos novos ventos teológicos surgidos na Alemanha após o cataclismo, começou a encontrar terreno fértil para a nova atuação eclesiástica que desejava.

Não é por acaso que a única igreja protestante a contestar oficialmente a repressão é precisamente a única grande *igreja* de imigração. A membresia multiclassista da IECLB lhe deu, ao mesmo tempo, mais capacidade de sentir a realidade social e mais condições de protestar contra ela. Essa combinação essencial é única no mundo protestante e assemelha, embora palidamente, a IECLB ao contexto sociológico da Igreja Católica. Outras igrejas, ou careciam do tipo de base popular que provocaria uma crise pastoral em parte do seu clero, ou eram de pobres e sem condições de se manifestar, sem que tenham de ficar expostas a todo o peso da repressão. É significativo que, já em 1970, o presidente da IECLB dissesse que, diante da pouca expressão popular da IECLB perante o governo, seria necessário aliar-se à Igreja Católica em questões políticas e sociais (KLIOWER 1977:12). Podemos entender isso no contexto de 1970, no auge do regime de segurança nacional. As igrejas pentecostais, que tinham uma base popular comparável à da IECLB, dificilmente teriam condições religiosas internas (porque exigiria a revisão radical de uma mentalidade arraigada há muito tempo) de se aliarem à Igreja Católica com o objetivo de adquirir uma certa imunidade. A exceção parcial confirma a regra: a **Igreja O Brasil para Cristo** foi, ao mesmo tempo, a única igreja pentecostal a se manifestar, de alguma forma, contra o regime militar, e a única a se filiar à entida-

desecumênicas nacionais e internacionais. Independentemente dos motivos desta filiação, ela tanto incentivou como tornou menos arriscada a crítica ao regime. No caso da IECLB, igreja multiclassista com uma grande massa de adeptos de pouca prática mas fortes vínculos afetivos (e contatos internacionais que esperavam uma manifestação crítica ao governo), o regime teria que ser mais cauteloso na sua reação. A igreja é mais protegida sociologicamente na adoção de posturas politicamente arriscadas. Isso não significa que as adotará, mas que terá condições mais propícias para fazê-lo, caso outros fatores a impulsionem nessa direção.

A década de 1970 trouxe mudanças profundas ao Luteranismo brasileiro. Na Faculdade Teológica de São Leopoldo - RS, o português suplantou o alemão como o principal idioma de formação. A liderança da igreja continua se manifestando periodicamente sobre temas sociais e políticos (a favor da anistia ampla, em 1978). A IECLB participa desde o início dos diálogos que levaram à criação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) em 1982. A Teologia da Libertação começa a influenciar os meios pensantes e alcança uma posição de predominância na Faculdade Teológica, principalmente, na segunda metade da década. Logo em seguida, começaram a surgir Comunidades de Bases luteranas. Nos anos 70, chega ao Planalto o primeiro presidente de origem luterana, o General Ernesto Geisel. No início do seu mandato, o presidente da IECLB era recebido pelo Presidente Geisel com certa frequência e fazia um trabalho discreto de intercessão por prisioneiros políticos. Depois, quando a igreja ficou mais contundente na crítica aos abusos dos direitos humanos e aos aspectos da política econômica, além de que alguns pastores luteranos assumiram a defesa dos posseiros e dos índios em conflitos de terra, então, o acesso diminuiu (DANTAS, 1982:15).

O luteranismo se caracteriza sociologicamente como igreja desde os primórdios. Toda a sua perspectiva intelectual, como diz TROELTSCH, pertence a este tipo:

*Apesar de suas afinidades com o tipo seita, seu individualismo, sua religiosidade leiga, seu apelo à autoridade da Bíblia, sua ênfase na realização subjetiva da salvação na piedade pessoal e interior, e apesar da restrição da igreja verdadeira aos cristãos verdadeiros, 'nascidos de novo' - apesar de tudo isso, no fundo, não há tendência alguma para o tipo seita... [LUTERO]*

*manteve firmemente a idéia do caráter universal da Igreja... Sem esse conceito, ele teria sido apenas o fundador de uma nova seita ou de uma nova ordem religiosa... [A criação de uma Igreja Territorial] foi o desen-volvimento lógico do seu ideal de uma Igreja unida (1931:477, 484, 493)*

Um dos resultados de ser igreja é o alto índice de adesão nominal que tanto choca os outros protestantes brasileiros. Já em 1862, um dos primeiros missionários presbiterianos formulou o juízo que ainda expressa a atitude de muitos evangélicos perante os luteranos: "Os alemães são quase todos infiéis e pouco sabem do Evangelho e não se interessam por ele" (RIBEIRO, 1973:98). Por outro lado, essa massa nominalmente luterana oferece possibilidades de atuação pastoral e política que os outros protestantes brasileiros não possuem.

Não é por acaso que a única igreja protestante a formar algo parecido com comunidades de base é a IECLB. Como igreja tradicional de uma grande corrente migratória policlassista, ela ocupa o lugar estrutural da Igreja Católica em algumas localidades (como a religião "natural" da maioria). Possui um reservatório amplo de religiosidade latente na classe popular, sobretudo em áreas rurais. O modelo de CEBs não é especificamente católico; mas é próprio de uma situação de igreja, de um resquício da Cristandade. É um modelo pastoral que depende não só de uma determinada realidade sócio-econômica mas também religiosa. Esse é o dilema das minorias libertacionistas em algumas outras igrejas protestantes brasileiras: para atingirem ao mesmo efeito sócio-político, teriam que elaborar estratégias pastorais diferentes das dos seus colegas católicos e luteranos.

Como na Igreja Católica, a Teologia da Libertação luterana consegue conquistar os centros de formação com mais facilidade do que conquista a cúpula eclesiástica. Esta tem que levar em conta a reação das bases. Novamente, aos dilemas de uma igreja se impõem a necessidade de ter uma mensagem com apelo universal. Como no caso católico, as Comunidades de Base aparecem não só como fruto de uma visão de transformação política, mas também como estratégia pastoral diante da perda de adeptos. Embora MENDONÇA (1989:51) fale de um crescente ajustamento à cultura brasileira e integração na sociedade e nas lutas sociais, por parte da IECLB, o processo não é tão simples. KLIEWER, 1977:13, falava da



dificuldade de elaborar uma teologia política própria. “As tentativas de definir sua posição política têm sido antes uma reação a impulsos externos do que internos” (influência da Federação Luterana Mundial e do Conselho Mundial de Igrejas), e têm usado a Igreja Católica como ponto de referência nacional. Mas os membros não acompanham esse movimento. Repete-se, então, o dilema católico. Por um lado, as Comunidades de Base são incentivadas pela existência de um *grande contingente de pessoas, outrora ligadas à IECLB, que foi se afastando dela, na medida em que foi empobrecendo, deixando de contribuir financeiramente e... deixando de se sentir atingido por sua pregação*. Por outro lado, as mesmas Comunidades são arriscadas, pois *teme-se que, atuando preferencialmente junto aos membros pobres ou afastados da IECLB, acabar-se-á perdendo também aqueles membros fiéis de que ela ainda dispõe* (HOCH, 1989:58-59).

De fato, a IECLB está perdendo fiéis com a mesma rapidez da Igreja Católica. O censo interno de 1987-88, que se esperava desse um total de 800.000 membros (SCHNEIDER, 1988:28), revelou apenas uns 600.000. O censo anterior, de 1974, havia dado um total de 750.000 membros (MENDONÇA, 1989:55). O Secretário-geral atribuiu a queda ao processo migratório e ao processo de urbanização. Já não é mais uma igreja tipicamente de pequenos agricultores (como afirmou uma publicação de 1977, REILY, 1984:370). É mais difícil conseguir pastores adequados para o meio urbano, pois os membros criados nas cidades não fornecem o mesmo número de vocações. Para eles, o pastorado já não representa um caminho de ascensão social. A IECLB ainda faz jus ao apelido de “igreja dos alemães”, sendo 92,6% dos fiéis daquela origem étnica (o jornal oficial ainda mantém um encarte em alemão). 86,5% dos membros ingres-saram através do batismo, 8% pelo casamento, e apenas 1,5% por profissão de fé, mostrando que a igreja continua sofrendo do que o órgão oficial chama de “introversão missionária” (*O Jornal Evangélico*, 26/11 a 9/12/89, p. 11).

Nesse contexto, surge um movimento interno à IECLB chamado Encontrão. Representa, de um lado, o pietismo alemão tradicional e, do outro, o evangelicalismo latinoamericano. O movimento, que tem organização própria dentro da IECLB, fornece muitas vocações e tem uma proposta de missão conversionista para dentro e

fora da etnia. Um dos seis pastores regionais (equivalentes a bispos) e em torno de 25% dos pastores participam do Encontrão. Em meados dos anos 80, o movimento chegou a contribuir com mais da metade dos alunos que ingressavam na Faculdade de Teologia.

O Encontrão começou nos anos 60 por influência de um missionário luterano norte-americano. Sua ênfase na conversão e avivamento espiritual, embora minoritária na IECLB, encontrava eco na tradição pietista alemã. A composição social, no tocante aos leigos, era inicialmente operária, mas hoje está mais diversificada. Nos anos 80, parte do movimento, e especialmente a liderança, começa a refletir as ênfases sociais e reflexão teológica da Fraternidade Teológica Latinoamericana, ou seja, um relativo conservadorismo teológico e um certo progressismo político e renovação pastoral, sob a marca da “contextualização”. As novas ênfases não são assimiladas por todos no movimento, o que lhe dá uma feição política diversificada, desde o PT até posições conservadoras. Há diversidades regionais: no oeste de Santa Catarina, o Encontrão não tem espaço porque silenciou-se a respeito da controvertida construção de barragens na região.

O Encontrão passou muitos anos em conflito com a Faculdade de Teologia. A força numérica do movimento não se traduz na formação dada naquela instituição. A crise irrompeu em 1985, desde quando o número de alunos vem caindo. A centralidade do conflito em torno da Faculdade de Teologia se deve ao grande peso desta no orçamento da IECLB, um traço próprio de uma igreja. A Faculdade, que chegou a ter mais de 250 alunos, oferece cursos de doutorado e tem uma tradição de dedicação integral por parte do corpo docente. Em 1992, o conflito chegou ao ponto da abertura, pelo Encontrão, de um centro de formação próprio, em Curitiba, mas sem o mesmo *status* da Faculdade. É uma solução tipicamente de *igreja*: evita-se o cisma, criando instituições semi-autônomas internas que permitem dar continuidade ao que WACH (1944) chama *ecclesiola in ecclesia*. Os motivos foram expressos num documento de 1989: a Faculdade estaria praticando um “distanciamento das comunidades”, “um desrespeito à expressão de fé de muitos vocacionados” e “a unilateralidade teológica” (LONGUINI, 1991:39).

Graças ao alto nível de formação, tanto os libertacionistas como os *evangelicais* (a liderança do Encontrão), conseguiram

uma projeção inédita para luteranos, no mundo protestante brasileiro. São duas correntes minoritárias numa igreja ainda predo-minantemente tradicionalista.

Qual é o cerne da disputa entre a Teologia da Libertação (TL) e o Encontrão, na IECLB? São modelos diferentes de igreja. A TL encarna um modelo pastoral tipo *igreja* e perpetua o contexto étnico (já que não é conversionista). O Encontrão representa um modelo pastoral tipo *denominação* e um progressivo rompimento com as fronteiras étnicas. São propostas alternativas de naturalização da IECLB. À Teologia da Libertação Luterana implicaria (na prática) uma “igreja minoritária” (D’EPINAY) teuto-brasileira, agindo pastoralmente no papel de substituta da “igreja majoritária” entre a massa protestante, de origem alemã, e politicamente no papel de parceira menor da Igreja Católica, na transformação da sociedade brasileira. Ao evangelicalismo luterano do Encontrão implicaria uma gradual transformação da IECLB em “denominação meta-étnica” (D’EPINAY), mesmo mantendo traços de *igreja*, agindo pastoralmente em efetiva concorrência com a Igreja Católica e politicamente independente dela (embora não necessariamente em oposição a ela). Esses modelos diferentes implicam posturas diversas diante do mercado religioso. À Teologia da Libertação implica numa ação defensiva contra as “seitas”, buscando maximizar a reserva cativa que a IECLB ainda possui. Ao Encontrão significa aceitar os termos do jogo das “seitas” e tentar oferecer um “produto” melhor, inclusive para fora da comunidade alemã. À sua maneira, ambos oferecem uma proposta para inverter o declínio numérico.

NIEBUHR (1929:204) observa que as igrejas de imigração acabam assumindo as características no campo cristão, do novo país. Neste sentido, podemos dizer que a IECLB, depois de romper no pós-guerra com a identificação de fé e germanismo, começa a indagar-se, alguns anos depois, a respeito das opções de naturalização. Não é por acaso que estas se revelam como variantes dos dois grandes modelos religiosos em conflito no Brasil: o modelo clássico da grande *igreja*, na vertente pós Vaticano II de CEBs e pastorais calcada na teologia latinoamericana da libertação; e o modelo *denominacional* de mercado religioso, na vertente da teologia *evangelical* latinoamericana da contextualização.

A IECLB está de fato se abrasileirando? Certa-mente não no sentido de ser uma comunidade menos definida pela etnia. Sim, no sentido de participar do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), de fazer pronunciamentos sobre problemas nacionais e, sobretudo, de acompanhar os problemas sociais do campesinato em áreas de colonização germânica. Resta saber se os pronunciamentos encontram respaldo nas bases da *igreja*, e qual o papel efetivo do CONIC no campo religioso brasileiro. Não é por acaso que a única grande igreja protestante a fazer parte é uma *igreja* de imigração. Esta mantém a lealdade por critérios como: etnia, família, tradição e localidade, que a protegem em boa parte das forças do mercado; ao passo que a *denominação* precisa manter a lealdade precária dos membros através do cultivo da diferenciação marginal do seu produto. A IECLB é a “Igreja Católica da imigração protestante alemã”. Somente o Encontrão contesta efetivamente esse papel; seu conceito de missão é mais próprio da situação de mercado. Embora a identidade entre etnia e religião ainda proporcione à IECLB uma proteção do mercado, o declínio numérico vai erodindo essa proteção e acabará obrigando-a a lançar-se ao mercado. Como também não é coincidência que um movimento como o Encontrão surge nos anos 60, uma geração após os primeiros passos tímidos para romper o isolacionismo, e precisamente no momento em que o campo está sendo capitalizado e a urbanização se acelera, colocando em risco a clientela tradicional. Também não foi por acaso que o seu apelo cresceu à medida que os solventes do mercado religioso foram criando, na IECLB, uma consciência de crise, parecida com a vivida pela Igreja Católica.

## Referências Bibliográficas

- COSTAS, Orlando. *Theology of the Crossroads in Contemporary Latin America*. Amsterdã : Rodopi. 1976.
- DANTAS, Marcos. Governo se Aproxima das Igrejas Protestantes. In: *Tempo e Presença*, n. 177, p. 15, set./out., 1982.
- D'EPINAY, Christian Lalive. *Religion, Dynamique Sociale et Dépendence: les Mouvements Protestants en Argentine et au Chili*. Paris : Mouton. 1975.
- HOCH, Lothar. Luterana (IECLB). In: MATEUS, Odair (org.). *Situação da Educação Teológica*. São Paulo : ASTE / São Leopoldo : Sinodal, p. 57-68. 1989.

- KLIEWER, Gerd Uwe. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana TROELTSCH, Ernst. *The Social Teaching of the Christian Churches*. 2v., Londres : Allen & Unwin. 1931
- LONGUINETO, Luiz. *Educação Teológica Contextualizada*. São Paulo : ASTE / Ciências da Religião. 1991.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil, 1916-1985*. São Paulo : Brasiliense. 1989.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Um Panorama do Protestantismo Brasileiro Atual. In: LANDIM, Leilah (org.). *Sinais dos Tempos: Tradições Religiosas no Brasil*. Cadernos do ISER, n. 22, p. 37-86. Rio de Janeiro : ISER. 1989.
- NIEBUHR, H. Richard. *The Social Sources of Denominationalism*. Cleveland : World Publishing Co. 1929.
- REILY, Duncan. *História Documental do Protestantismo*
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo : Pioneira 1973.
- SCHNEIDER, Silvio. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: Participação e Integração. In: *Tempo e Presença*, ago. 1988, p. 26-28.
- TROELTSCH, Ernest. *The Social Teaching of the Christian Churches*. 2v. Londres : Allen & Unwin. 1931.
- WACH, Joachim. *Sociology of Religion*. Chicago : University of Chicago Press. 1944.